

Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na abertura do São Paulo Ethanol Summit 2007

São Paulo-SP, 04 de junho de 2007

Senhor presidente Eduardo Pereira de Carvalho, ilustre presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única).

Como o senhor sabe, o nosso Presidente gostaria muito de estar aqui hoje, presente, mesmo porque desde o primeiro momento de seu governo ele está empenhado em dar apoio irrestrito ao desenvolvimento da atividade ligada à produção de etanol e biocombustível, de modo que este grande congresso internacional que aqui se realiza vai, naturalmente, oferecer oportunidades para que os temas sejam debatidos.

Há seções temáticas aqui, nós vamos apenas participar desta seção de abertura. Nós não temos a intenção também de, na nossa fala, dizer nada de novo, vocês já sabem. Mas eu tenho que falar, mesmo porque o meu discurso é quase o discurso que o Presidente recomendou, porque ele agora, por exemplo, está tratando na Ásia e amanhã ou depois, na Europa, estará tratando justamente desse tema, não só na Índia como na Alemanha. Isso é de importância fundamental, especialmente porque há o problema do aquecimento global que hoje preocupa o mundo inteiro.

Então, a minha primeira palavra, Presidente, é de congratulações pela realização deste encontro, o Ethanol Summit, que vai, naturalmente, trazer contribuição relevante para que nós prossigamos no desenvolvimento da atividade no Brasil.

Eu costumo dizer que o Brasil tem não só terra, como água, sol e, além disso, tem a Embrapa. Então, tem terra, água, sol e a Embrapa. Eu não poderia deixar de dizer que, além da Embrapa, tem o Instituto Agrônomo de Campinas, tem a Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, tem a grande Escola de Agricultura de Lavras.

Então, o Brasil possui condições excepcionais para liderar esse trabalho de interesse de todo o mundo.

Quero cumprimentar as autoridades presentes,

Deputado Arlindo Chinaglia,
Presidente Fernando Henrique Cardoso,
Nosso ilustre convidado, ex-primeiro ministro da Espanha, Felipe González,

Excelentíssimo senhor deputado José Carlos Vaz de Lima,
Senador João Tenório,
Senador Marcelo Crivella,
Senhor Gilberto Kassab, ilustre prefeito de São Paulo,
Senhor José Sérgio Vieira Machado de Matos,

Senhor Manoel Félix Cintra Neto, presidente da Bolsa de Mercadorias e Futuros, todos sabem que ele foi homenageado, há poucos dias, lá fora, então é muito bom. Este homem tem prestado um serviço, eu o conheço há muitos anos, ele tem prestado um serviço relevante ao mercado de capitais no Brasil e, naturalmente, essa atividade vai buscar muito recurso no mercado de capitais, que são recursos muito bem aplicados porque é de grande futuro a atividade.

João Guilherme Sabino Ometto, Aloísio Jacques Mendes Vaz, Sérgio Alexandre Figueiredo Clemente,

Senhores parlamentares aqui presentes,
Senhores chefes de missões diplomáticas, e representantes de governos estrangeiros,

Demais autoridades federais, estaduais, municipais,
Ilustres participantes deste encontro internacional,
Senhores empresários,
Representantes de entidades de classe,
Profissionais da imprensa,
Senhoras e senhores,

Todos sabem que eu já falei, mas está escrito, então eu vou ler. Ninguém precisa ficar triste porque o discurso é curto. Os senhores bem sabem que ninguém mais do que o presidente Lula gostaria de participar desta importante cúpula do etanol. No entanto, ele já havia assumido compromissos inadiáveis na Ásia e na Europa, acordados há mais de um ano para tratar, entre outros assuntos, exatamente do tema deste encontro: “Novas Fronteiras

do Etanol - Os Desafios da Energia no Século XXI”.

De fato, o governo transformou esse desafio em uma tarefa que avança em dois sentidos, dois níveis. No plano interno, conseguiu mobilizar os brasileiros na pesquisa, na produção, transporte e comercialização. E, no plano externo, incluiu esse debate na agenda mundial da preservação do meio ambiente, na busca de fontes renováveis de energia e, principalmente, criou meios e modos de conciliar a produção de energia com a de alimentos.

O Brasil vai dar continuidade à sua contribuição, de mais de 30 anos, na redução das emissões de gases que provocam o efeito estufa. É missão deste governo pregar por todo o mundo a experiência exitosa de substituir os combustíveis fósseis por etanol e biodiesel.

Todos se lembram, o primeiro choque do petróleo foi em 1973, e o Brasil começou a se preocupar e trabalhar nesse sentido. Em 1979, veio o segundo choque do petróleo. No primeiro, o petróleo foi de 3 para 10 dólares o barril, e no segundo foi para US\$ 30.

Eu estava fazendo um cursinho na Inglaterra e recebi uma revista que dizia que havia um posto de gasolina com uma bomba de álcool. Então, eu contei na sala de aula que no Brasil já estávamos vendendo álcool nos postos de gasolina. Havia, entre os colegas, um físico da Itália que disse assim: *“it’s impossible”*. E nós respeitamos, porque eu não sou físico, a bomba estava lá, mas a revista estava no hotel. Então, no dia seguinte, eu levei a revista. Tinha uma menina brasileira que estava fazendo esse curso – que falava inglês fluentemente –, o meu inglês era fraco. Eu pedi a ela que lesse a matéria em inglês. Foi o maior sucesso, todos vieram me cumprimentar, porque as pessoas passaram a acreditar que aquilo era verdade. Isso tem quase 30 anos, foi em 1979. E hoje o Brasil está, realmente, já mostrando ao mundo a viabilidade do etanol e a viabilidade também do biocombustível, de um modo geral.

Então, isso pode trazer um novo tempo, e é por isso que eu os parabeno por estarem aqui trazendo para essas reuniões temáticas esse assunto, com conhecimento. Eu me permito até sugerir ao Presidente que do (falha na gravação) alguma coisa que nós possamos, mesmo não estando presentes todo o tempo, tomar conhecimento das palestras especialmente ligadas ao tema.

Por essa razão, junto com a Índia, lançamos a idéia de um fórum internacional de biocombustíveis, ao qual já aderiram a África do Sul, China, Estados Unidos da América e União Européia. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se facilita o acesso à sua tecnologia, plantamos as condições necessárias para se criar um mercado mundial para esses combustíveis, transformando-os em *commodities* negociadas em bolsas do mundo inteiro.

A garantia de preço de um mercado global poderá dar um impulso notável para que milhões e milhões de pessoas trabalhem em áreas agricultáveis, em vários países do nosso Planeta, produzindo biocombustíveis.

Aliás, em um artigo publicado na última sexta-feira, agora, no jornal inglês The Guardian, o presidente Lula afirma: “a fome não é consequência da falta de alimentos, sua produção global é mais do que suficiente para atender a todos. É a falta de renda que impede a cerca de 1 bilhão de homens e mulheres ter acesso à comida.” E o que fazemos no Brasil? Identificadas as fontes renováveis de energia, criamos emprego e renda para o pequeno agricultor, fixando-o à terra e às suas raízes, em vez de empurrá-lo para a marginalização urbana.

A agroindústria da cana fatura mais de 8 bilhões de dólares anuais e emprega, diretamente, mais de 1 bilhão de pessoas. Foi o que fizemos também com o biodiesel, estamos fazendo, aproveitando sementes oleaginosas como o girassol, a mamona e outras. E o Programa do Biodiesel gera energia limpa e absorve o carbono. E para cada trabalhador na usina, o Programa gera emprego para nada menos que mil pessoas no campo. Além disso, nossa legislação beneficia o empresário que contratar a produção da matéria-prima do pequeno agricultor, para diversificar. Criamos até um selo social específico para esse fim, um incentivo para que isso aconteça.

Compartilho das idéias do presidente Lula, quando ele defende que esses avanços econômicos e sociais dos biocombustíveis devem ir além de nossas fronteiras. Diz o Presidente: “o governo e o empresariado brasileiro já oferecem cooperação técnica bilateral na produção de álcool e do biodiesel.”

Também elaboramos projetos triangulares. Moçambique está lançando um programa de biocombustíveis graças à aliança entre o conhecimento, o *know-how* brasileiro e o financiamento britânico. Podemos repetir essa iniciativa para toda a África Subsaariana. E, enfatiza o presidente Lula,

chamando a atenção dos países ricos para a necessidade de abertura de seus mercados: “os biocombustíveis podem atender a um mundo carente de soluções para a degradação ambiental e o encarecimento da energia.” Oferecemos uma esperança para os países pobres ao combinar crescimento econômico, inclusão social e conservação ambiental. Será ainda um aliado valioso no combate à instabilidade social e política, à violência e à migração anárquica. No entanto, essa resolução só vai ocorrer se os países ricos cumprirem as antigas promessas de abrir seus mercados para os mais pobres, eliminando subsídios agrícolas e barreiras à importação de combustíveis.

Queremos produzir combustíveis que combinem segurança energética com benefícios sociais e ambientais, como já vemos surgir no Brasil. A cooperação que propomos é um excelente exemplo de como aplicar, de forma justa e eficaz, o princípio da responsabilidade comum, porém diferenciada pelo desenvolvimento sustentável.

Senhoras e senhores,

As últimas informações da Companhia Nacional de Abastecimento, a respeito da safra 2007/2008, de cana-de-açúcar, indicam o crescimento de 11,2% sobre a safra anterior. É um recorde de quase 528 milhões de toneladas. Pouco mais da metade será destinada à produção de álcool, um aumento de mais de 14% em relação à safra anterior, num total de mais de 20 bilhões de litros. Metade disso, álcool hidratado, combustível para veículos. Esses dados mostram a relevância de um encontro como este, e a responsabilidade que pesa sobre os participantes, entre os quais nós podemos citar, e o fazemos com grande orgulho, o nosso companheiro Roberto Rodrigues, que está aqui presente, já é um craque e pode trazer uma grande contribuição.

Devemos juntar nossos esforços, somar a nossa imaginação criadora, unificar experiências, multiplicar o conhecimento de cada um em seu respectivo setor em proveito de todos, e não só do Brasil.

Minha esperança é que, de agora em diante, ao se avaliar o quadro energético mundial, deverá finalmente triunfar a idéia que surgiu há mais de 30 anos para atender às demandas nacionais, em razão de sucessivos choques do petróleo. Uma idéia que, mais recentemente, tomou a forma de um programa capaz de se reproduzir em outros países que dependem unicamente

da exportação de alguns poucos bens primários para se transformar em opção de crescimento sustentável. Não há hegemonia nem monopólio. Ou seja, não há pretensão de hegemonia, nem de monopólio quando se trata de proteger o meio ambiente, eliminar a pobreza, erradicar a fome, distribuir a renda, promover a inclusão social, universalizar o conhecimento e fazer um mundo justo, democrático e solidário.

Muito obrigado.